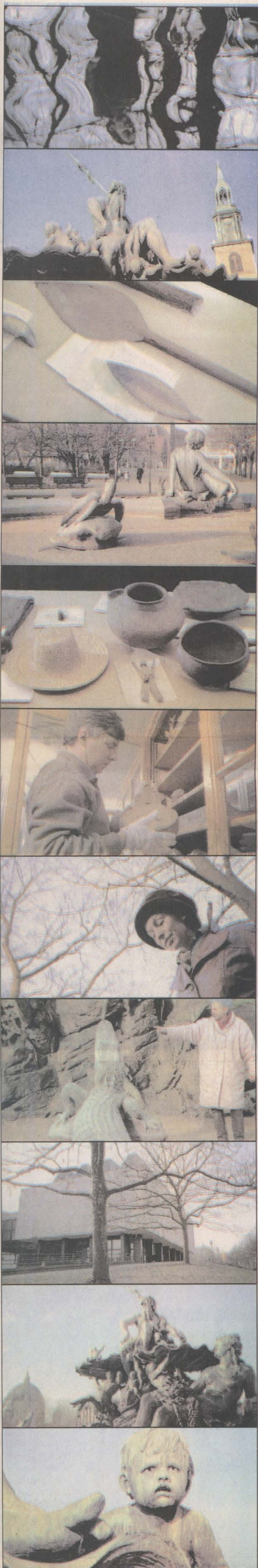


Pizzini vai à Alemanha buscar memória de guatós

Julio Vilela/AE - 25/8/97



Joel Pizzini e imagens de '500 Almas' (ao lado): um filme "etno-poético" sobre a cultura mais antiga de Mato Grosso

Ele filma '500 Almas' com objetos da tribo coletados por alemão no início do século

FABIO CYPRIANO
Especial para o Estado

BERLIM - Há exatamente cem anos, o alemão Max Schmidt viajou ao Brasil para pesquisar uma tribo em Mato Grosso, os guatós, pela qual se apaixonou e que motivou sua prematura aposentadoria do importante cargo que tinha no Museu de Antropologia de Dahlem, em Berlim.

Agora, o cineasta Joel Pizzini, nascido em Mato Grosso, fez o caminho inverso, e veio a Berlim em busca do material coletado por Schmidt para fazer parte de seu novo filme, *500 Almas*, sobre a tribo dos guatós.

Até a década de 70, eles foram dados como extintos pela Funai e foi a freira salesiana Ada Gambarato quem reconheceu o artesanato guató e descobriu que muitos índios ainda viviam na periferia de Corumbá. Os guatós tinham um sistema social bastante anárquico, sem cacique e sem aldeias. Além do mais, não eram guerreiros, o que possivelmente tenha sido a causa de de sua sobrevivência até hoje.

Quando um censo indígena foi feito, na época do Império, ainda no século 16, ele apontava que "cerca de 500 almas" viviam na região do Pantanal, daí a origem do nome do filme. "Essa é a cultura mais antiga de Mato Grosso, o que, ao lado de outras características particulares da tribo, inspirou a realização do filme", afirmou o diretor Pizzini ao *Estado*, durante as gravações, em Berlim.

Filme "etno-poético" - *500 Almas*, segundo Pizzini um "filme etno-poético", é uma realização da produtora de documentários Grifa Cinematográfica, com recursos da Lei do Audiovisual. Parte do filme foi rodada em 1998, no Pantanal, e o restante das gravações e a finalização serão feitas neste ano, pois o lançamento já está previsto para novembro.

"O que estamos fazendo não é apenas um documentário, mas um estudo de como a memória se estilhaça", declarou o diretor. O roteiro de *500 Almas* foi feito por Pizzini, Sérgio Medeiros e Jane de Almeida, que também acompanhou as gravações na Alemanha.

A realização do filme também está interferindo na própria comunidade dos guatós: "Eles agora nos procuram dizendo que se soubessem que era importante ser índio não teriam se aculturado tanto", comentou o diretor, que chegou a ajudar na restauração de canoas da tribo.

Na capital alemã, além de no Museu em Dahlem, foram gravadas cenas em Alexanderplatz e numa lagoa. "Os guatós

são índios canoeiros e por isso a água é muito importante para eles; em Berlim, buscamos locais que espelhassem essa característica", explicou Pizzini. Também participou do filme a atriz alemã Stefanie Lars, que recitou poemas de Goethe sobre a água.

Índios "ingleses" - Mário Carneiro, o responsável pela fotografia do filme, também esteve em Berlim. Juntos, os dois já realizaram os premiados curtas *Enigma de um Dia* (1996) e *O Pintor* (1995). Carneiro é um dos mais importantes diretores de fotografia do Brasil, com produções para o cinema e a TV, como *Garrincha*, *Alegria do Povo*, de Joaquim Pedro de Andrade, e a minissérie da Rede Globo *Memorial de Maria Moura*.

"A experiência de filmar com os guatós é completamente diferente da que tive com Ruy Guerra, quando fizemos *Quarup*, no Xingu", contou Mário Carneiro ao *Estado*. "Eles são muito reservados, parecem ingleses: têm até hora para tomar chá."

Talvez esse aspecto reservado tenha sido uma das razões que atraíram o alemão Max Schmidt. Ele esteve por cinco vezes na região e se aposentou prematuramente aos 55 anos para viver, em 1929, na Ilha da Boa Esperança, no Pantanal, junto aos guatós. Contudo, por problemas de saúde, Schmidt teve de deixar a ilha e se mudar para Assunção, no Paraguai, onde fundou o Museu de Etnologia da cidade e viveu até 1950, quando morreu.

"Schmidt é, sem dúvida, uma exceção entre os pesquisado-

res alemães", observou o diretor da Seção de Etnologia das Américas do Museu de Antropologia de Berlim, Richard Haas, cargo que também foi ocupado por Schmidt, entre 1920 e 1929.

Segundo Haas, "em geral, os alemães que foram ao Brasil tinham uma atitude muito distanciada em relação aos índios, considerados apenas objeto de estudo, enquanto Schmidt produzia relatos apaixonados, que levavam em conta aspectos ambientais e ecológicos, o que é muito moderno para a época".

"Talvez ele tenha realmente se identificado com os guatós na maneira individualista de se comportar, pois em todas as expedições que fez ao Brasil ia sempre acompanhado, ao contrário dos outros pesquisadores", explicou.

De fato, até as fotos tiradas por Schmidt, que estão no museu em Dahlem, são muito diferentes das realizadas por seus colegas. Em geral, as fotos parecem feitas para uma ficha policial, com os índios de frente e perfil, enquanto nas fotos de Schmidt os índios aparecem cercados por seu ambiente natural. Imagens dele com os índios são muito raras, o que não ocorria com outros pesquisadores, que adoravam ser fotografados ao lado de suas descobertas.

Acervo à parte - As gravações no museu, conseguidas graças ao apoio do Instituto Goethe, mostram o acervo dos guatós coletado por Schmidt, composto por 220 peças e 70 fotografias. Entre elas lanças, peças de cerâmica e até canoas.

Parte desse material chegou

a ser dado como perdido, após a 2.ª Guerra. Na verdade, ele foi levado pelos soviéticos até Leningrado e apenas na década de 80, devolvido à Alemanha Oriental, para o Museu de Leipzig. Mas foi após a queda do Muro que ele retornou a Dahlem.

Em Leipzig, o material ficou encaixotado, pois os pesquisadores orientais não quiseram agregá-lo ao acervo do museu, já que sabiam que a coleção pertencia a Berlim. Cenas do filme foram gravadas na sala onde esse material está guardado.

O Museu de Antropologia de Dahlem tem uma das melhores coleções de peças indígenas do Brasil - cerca de 25 mil. O museu reúne um acervo de 550 mil peças de todo o mundo.

Para outubro está programada a exposição *Viajantes e Aventureiros no Brasil*, que vai mostrar o material coletado por cerca de 20 alemães nos séculos 19 e 20. Max Schmidt está entre eles, e também Curt Unkel, outro pesquisador que se apaixonou pelos índios brasileiros a ponto de mudar seu nome para Nimmendajá, que era como se chamava sua mulher.

Em 1998, seis índias da tribo cadiueu estiveram no museu conhecendo peças coletadas de sua tribo. Foi uma surpresa: as próprias índias não conheciam o trabalho de seus antepassados. Elas viajaram a Berlim graças ao projeto dos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Panucci, que restauram um conjunto de edifícios no bairro de Hellersdorf, em Berlim, utilizando desenhos das seis índias.

Para a bienal dos 500 anos, em abril, em São Paulo, o museu vai emprestar algumas peças do seu acervo - uma parte da memória brasileira que, graças aos viajantes e aventureiros alemães, se manteve intacta em Berlim.

Divulgação



Mário Carneiro e o cineasta: experiência muito diferente da que teve ao fotografar 'Quarup'